

Graciela Mayrink

Autora de *O som de um coração vazio*

# O final da nossa história

**Até que ponto o tempo e a distância  
podem afastar um grande amor?**

Zambolê

Rio de Janeiro, 2019

*Para minha irmã, Flávia, a razão  
da existência dos meus livros, minha  
eterna companheira de Star Wars.*

*“Que a força esteja com você”*

*Star Wars*



The background of the entire page is a dark grey gradient. In the upper half, there are several small white dots representing stars and a single white crescent moon. In the lower half, there are dark grey silhouettes of two people's heads and shoulders, facing each other as if in conversation. The person on the left has short, spiky hair, and the person on the right has hair styled in a bun.

# prólogo

“ Há muito tempo,  
em uma galáxia muito,  
muito distante...” ”

– Epígrafe de *Star Wars*

Amanheceu há alguns minutos, mas não consegui dormir direito. Cochilei um pouco e me sinto cansado, pensando no encontro iminente que tenho.

Estou sentado na primeira classe, olhando a paisagem branca forrada de nuvens do lado de fora da minúscula janela do avião, tentando descobrir o que acontecerá quando aterrissar em meu país. Não é a primeira vez que volto ao Brasil desde que me mudei para Nova Iorque, só que agora a viagem não é a lazer, e sim profissional. Mas não é isso o que me preocupa; meu trabalho é bom, perfeito, não tenho do que reclamar.

Há três anos Mônica e eu não nos vemos pessoalmente e há dois e meio não nos falamos. Não tenho ideia de qual será sua reação quando nos encontrarmos. A única certeza que tenho é a de que ainda a amo e preciso dela ao meu lado, mas não sei se me perdoará. Bem, é claro que sim, tem de me perdoar. Ela ainda me ama, não posso nem quero pensar diferente.

Desde que a deixei, tive vários relacionamentos com outras garotas, nada muito importante. Nos últimos anos, saí com lindas mulheres, algumas modelos conhecidas, como Giovanna, na época em que fiquei famoso. Só que nenhuma delas é Mônica, meu amor da juventude, a pessoa que jurei amar eternamente.

A garota de meus sonhos.



Olho a vista da varanda, mas não enxergo nada. Meus pensamentos estão distantes, em um voo que chegará dentro de uma hora na cidade. João está vindo, voltando para casa, e irei reencontrá-lo. Só de pensar nisso, meu estômago se revira e sinto a respiração parar. Não tenho a certeza de que meu coração ainda balança por ele, embora saiba que ainda sinto algo quando penso no passado. Estou negando um sentimento que nunca foi embora ou o que quero é encontrá-lo para encerrar tudo de uma vez? Sinto aquela dúvida se é amor ou se é apenas uma lembrança do namoro que tivemos. Nossa ligação sempre foi forte e o fato de ter acabado abruptamente deixou perguntas sem respostas e sentimentos ainda latentes. Ele ainda mexe comigo? Talvez sim, pois só de lembrar os momentos em que passamos juntos, minhas pernas já bambeiam. Mas será que ainda é amor?

Sempre fui uma garota determinada, sensata e forte, ainda mais por causa dos problemas que tive com minha família, e João foi a única pessoa capaz de me desestabilizar. Antes do início do namoro, eu até conseguia ser forte e me manter imune ao charme de João, ele não me afetava tanto. Eu era uma garota durona, que tinha uma resposta na ponta da língua para cada frase dele, mas depois... Era impossível agir de modo racional perto dele, e quem é coerente quando se está apaixonado? O amor não é algo lógico, concreto. O amor é mutável e mexe com a gente. Ao lado de João, eu não pensava direito, apenas sentia, e posso dizer que foram os dois anos mais felizes da minha vida. Ele me entendia e foi o namorado perfeito. Até ir embora.

Quase três anos separados. Nunca mais o vi pessoalmente, apenas na internet, em revistas e uma vez em um documentário

sobre os novos artistas que encontrei por acaso enquanto trocava de canal, em uma dessas várias emissoras que temos na TV a cabo, mas nunca assistimos. *Não foi o acaso, pensei na época, foi o destino.* O destino mostrando que nossos caminhos ainda se encontrariam, mesmo que fosse para finalmente termos um desfecho completo, encerrar o que ficou inacabado.

João está com vinte e um anos agora, quase vinte e dois. Embora não tenha mudado muita coisa na aparência, o cabelo castanho escuro está maior, cobrindo parte da lateral do rosto e a nuca, e consigo perceber um leve amadurecimento seu nas últimas entrevistas às quais assisti. Antes, era o garotão metido e deslumbrado pela fama; agora, tento me convencer de que se tornou outra pessoa. É algo que quero muito, afinal, ele era prepotente, arrogante, convencido. Espero que o dinheiro e a fama rápida não tenham piorado esses traços de sua personalidade, e que nossa separação tenha contribuído para torná-lo alguém melhor. *Será que ainda o amo?*, vivo pensando, mas não há resposta certa para a pergunta até ele estar na minha frente. Só assim terei a certeza do que sinto de verdade. O coração é sempre traiçoeiro e apronta dessas nas nossas vidas.

Eu me levanto. Preciso me arrumar ou chegarei atrasada na faculdade. Fico um tempo em frente ao armário, tentando decidir o que usar. Comprei uma roupa para este dia, mas não estou mais gostando dela tanto quanto antes. Preciso estar bem, pois além de ser minha primeira entrevista para a televisão, João me verá após um longo tempo. Não deveria me importar com o que ele vai pensar de mim, mas quero que tenha a certeza de que minha vida seguiu sem ele e estou muito bem. Acho que é a mágoa do término; sempre queremos parecer melhor quando reencontramos um antigo namorado após a separação.

Eu me olho no espelho e sei que estou bem para quem precisa se desdobrar em duas para lidar com a universidade, o trabalho, para ir à academia quando dá, enfrentar o trânsito, além

da pressão para que dê certo minha graduação sanduíche, uma alternativa oferecida pelas universidades aos alunos que podem fazer uma parte do curso aqui no Brasil e outra no exterior, e me levará aonde quero: Nova Iorque.

Decido pegar a roupa que comprei para a ocasião, é com ela mesma que vou, o que ele vai pensar ao me ver não deveria ser minha preocupação. Sinto raiva de mim mesma por ficar assim, por deixar que João ainda me afete tanto quanto antes. Eu deveria ter esquecido aquele mentiroso, deveria ter seguido em frente. Achei que segui, mas, neste momento, olhando o vestido e pensando nele, já não tenho mais tanta certeza.

Balanço a cabeça, espantando os pensamentos. Não quero ficar pensando nele, tenho coisas mais importantes na minha vida no momento, e é nelas que vou focar o resto do dia. João é algo do passado que está voltando e terei a chance de colocar o ponto final que faltava. É hora de executar o “seguir em frente”, como sempre falei para mim mesma esses anos todos.

Coloco o vestido preto, a sandália, pulseiras e brincos, penteio meu longo cabelo loiro escuro, que ele tanto amava por causa da leve ondulação que possuí, prendo-os em um coque alto e dou uma última olhada no espelho. Ele está aqui, comigo, em meu pescoço. O colar que João meu deu no dia de sua viagem, a última vez em que nos vimos pessoalmente, e que ainda não consigo tirar. O colar que contém a sigla que simbolizava o nosso amor. MLSEJ.







# capítulo I

“ O medo é o caminho para o lado negro.  
O medo leva à raiva. Raiva leva ao ódio.  
Ódio leva ao sofrimento.  
Eu sinto muito medo em você. ”

– Yoda para Anakin Skywalker em *Star Wars*  
*Episódio I: A Ameaça Fantasma*

## Um mês atrás

Normalmente, não me lembro dos detalhes de certos dias, mas é difícil me esquecer do que aconteceu naquela segunda-feira. Cheguei atrasada à redação da TV BR por causa de uma prova, que demorou mais do que o necessário. Costumo ser rápida ao fazer provas, mas parece que algo me dizia que aquele seria um dia atípico.

Acordei cansada e estressada depois de ficar quase o domingo todo terminando um trabalho para a faculdade, e ainda recebi um e-mail do meu chefe pedindo para adiantar uma pauta do programa que ele apresentaria naquela tarde. Sou estagiária/assistente do editor de assuntos internacionais na TV BR, um canal da TV a cabo que tem alguns poucos programas em sua grade; quando não está passando nada inédito, fica nas intermináveis reprises dos dias anteriores.

Ao entrar na emissora, que ocupa um andar inteiro de um prédio comercial no Recreio dos Bandeirantes, Zona Oeste do Rio de Janeiro, penso no que conquistei até agora; mesmo assim, ainda estou insatisfeita. Eu gosto do meu trabalho, mas não tenho muito como crescer onde estou; a emissora é pequena. Quero

continuar na TV BR e, para conquistar meu espaço dentro dela, preciso urgente conseguir minha graduação sanduíche no curso de Jornalismo que faço na Universidade da Guanabara.

Já escutei burburinhos nos corredores da empresa sobre uma expansão pelo mundo, ter alguns correspondentes em cidades estratégicas. Meu alarme interior soou quando vi a possibilidade de continuar o trabalho caso vá para Nova Iorque. Não perdi tempo e fui falar com meu chefe sobre esta ideia, que se mostrou aberto ao meu pedido. Nem sei se dariam o cargo a uma estagiária, mas já provei ser competente e a emissora não possui muitos funcionários para escolher. Quem sabe, se der certo, passo a ser a correspondente internacional deles nos Estados Unidos? Seria perfeito, um emprego do qual gosto e quero.

Eu me sentei à minha mesa, observando o rebuliço que já tomava conta das pessoas, por conta do jornal local que havia começado há pouco. Liguei o computador para verificar a pauta de um programa. Estava tão concentrada, perdida em meio às palavras, que me assustei quando fui interrompida por Anete, minha amiga na emissora.

— Já sabe da última? — perguntou Anete, se sentando na beirada da mesa e ajeitando seu terninho impecável, como exigia sua posição de responsável pela parte de esportes e economia da TV BR. Só ali, naquela empresa, dois assuntos diferentes poderiam ser feitos pela mesma pessoa.

— Não, acabei de chegar.

— Vamos entrevistar aquele artista de Nova Iorque. — Anete estava eufórica.

— Qual artista? — Senti um frio percorrer minha espinha antes mesmo de fazer a pergunta que temia.

— Aquele pintor que é brasileiro, mas trabalha lá.

Antes que Anete dissesse o nome do artista, eu sabia de quem se tratava. Meu coração deu um pulso dentro do peito quando falei seu nome em voz alta.

— JC — disse, tentando não gaguejar ao pronunciar seu nome em voz alta. — João Carlos.

— Esse mesmo!

JC, o grande artista brasileiro que saiu de seu país para estudar artes em Nova Iorque e, em pouco tempo, se transformou na nova sensação de Manhattan graças ao fato de um de seus quadros ter se destacado em um *reality show* norte-americano. Desde então, virou o queridinho das colunas sociais, desejado pelas garotas, o sonho de consumo de oito entre dez brasileiras e estrangeiras. A ascensão dele foi tão rápida e tão comentada que, atualmente, João ocupa um status de celebridade, junto com cantores e atores.

— O trabalho dele é bom, né?

— Sim, as pessoas têm comparado ele a Miró — comentei.

— Que seja. — Anete abanou a mão, como se aquilo não tivesse importância. — O cara é um gato. Já viu a foto dele?

— Já — balbuciei. Ninguém conhece JC melhor do que eu. Pelo menos no Brasil.

— Mas o babado maior não é este. Estava uma loucura aqui de manhã, por conta da notícia da visita do cara. — Anete parou de falar para enrolar o cabelo e fazer um coque. — Escutei de fontes seguras que a emissora conseguiu uma exclusiva com ele. O pessoal estava nervoso, sem saber se rolaria a entrevista ou não.

Eu não devia saber mais nada sobre João, mas é impossível. Tentei não checar sobre sua vida, só que ela saltava sobre meus olhos quando abria os sites de notícias ou andava pelos corredores da Universidade da Guanabara. Ele estudou lá por pouco tempo, um ano e meio, e foi o suficiente para que todos comentassem sobre sua fama. Tentava imaginar o que ele pensava disso tudo. Para dizer a verdade, devia estar adorando. João sempre foi egocêntrico e pretensioso e finalmente conseguira o que mais sonhava: ter seu talento reconhecido ao redor do mundo.

— Patrícia deve estar dando pulos de alegria — comentei, abrindo meu e-mail e lendo as mensagens mais importantes, tentando não pensar em João.

— Aí que está! — disse Anete, um pouco alto, provocando olhares de outras mesas. Ela se abaixou para falar perto de mim. Meu Deus, como ela adora uma fofoca! — Não vai ser a Patrícia quem vai entrevistá-lo.

— Não? Não é ela quem fica com as entrevistas internacionais?

— Tecnicamente, ele não é estrangeiro, mas não é isso. — Anete olhou por cima do ombro, mas não havia ninguém muito próximo a nós duas. — Eu não sei o que aconteceu, só sei que não será ela e, pode apostar, Patrícia está bufando de raiva.

— Ela sempre fica assim quando contrariada.

— Parece que agora a coisa foi feia. Não sei exatamente o quê, mas que algo sério aconteceu, ah, isso sim.

Nossa conversa foi interrompida pela aparição do Sr. Esteves, meu chefe e responsável pela área internacional da emissora, na porta de sua sala. Ele passou a mão no rosto, limpando um suor que não existia, e olhou para os lados, um pouco irritado.

— Mônica, venha até aqui — gritou.

Olhei Anete, que levantou os ombros, sem entender a atitude do chefe. Fui até a sala dele, mas, antes de entrar, esbarrei em Patrícia, que saía de lá. A repórter/apresentadora da emissora me olhou como se quisesse me fuzilar com os olhos, ajeitando seu longo cabelo preto. Patrícia é uma espécie de faz-tudo na emissora: apresenta programas e jornais e entrevista artistas. É linda, o que a ajudou a ser a estrela ali, e não deixa ninguém mais brilhar.

— Você me paga — disse, entre dentes, a grande celebridade da emissora.

Eu a olhei, confusa, sentindo que boa coisa não ia acontecer, e entrei na sala do Sr. Esteves, que já estava sentado atrás de sua mesa, com a proeminente barriga parecendo estar prensada ali.

Ele é baixinho e calvo, e sua estrutura, mais a grande barriga, lhe dão um aspecto de ter saído de um *cartoon* norte-americano.

— Sente, sente. Feche a porta.

Eu me acomodei e percebi o nervosismo tomar conta do meu corpo. Tentei me lembrar se deixei de fazer algo que ele me pedira na sexta ou se enviei errado a pauta para o programa daquele dia. Meu chefe era um cara legal, gente boa, e estava sempre de bom humor, mas, naquele instante, sua irritação era visível e logo deduzi que eu cometera um erro em algum trabalho que ele pediu.

Fiquei apreensiva porque eu vinha cobrando do Sr. Esteves uma posição sobre minha ida para Nova Iorque. Era só o que faltava ser despedida justo no momento em que tentava terminar a universidade no exterior com a ajuda do estágio.

— Fiz algo errado?

— Não, não, sente, vamos apenas conversar. — Ele sorriu, mas ainda não me decidira se era um sorriso bom ou ruim. — Tenho novidades. É, novidades. Novidades boas, você vai gostar.

Meu coração quase saltou do peito. Será que ele conseguira minha promoção para os Estados Unidos assim tão rápido?

— A Patrícia não parecia muito feliz ao sair daqui — disse, temerosa. Sei que Patrícia também queria uma vaga de correspondente fora do país, só não sabia para onde ela desejava ir.

— Patrícia... — O Sr. Esteves cruzou as mãos em cima da barriga. — Ela vai superar, é uma excelente profissional, os cinegrafistas a adoram e o público a ama. Mas não posso fazer nada, estou de mãos atadas e não tive escolha, só que ela não entende.

O Sr. Esteves disparou a falar um monte de coisas que também não entendi. Fiquei ali, apenas o encarando. Ele se levantou, tentou fechar um dos botões do terno, mas desistiu, e ficou andando pela sala.

— Eu acho que chegou sua grande chance, Mônica, e espero que você a agarre com unhas e dentes.

— Minha chance? — Esbocei um sorriso.

Então era verdade, eu havia conseguido a vaga para Nova Iorque! Agora, só faltava a universidade finalizar os trâmites da transferência e começar a preparar as malas.

— Sim, sim. Vamos fazer uma entrevista, quero dizer, fomos escolhidos. Eu nem acreditei quando recebi o telefone daquela mulher, esqueci o nome dela. Devo ter anotado aqui em algum lugar — disse o Sr. Esteves, se sentando e folheando os milhares de papéis que estavam em cima de sua mesa, deixando alguns caírem e se atrapalhando ao pegá-los. — Não sei o motivo de termos sido escolhidos, o que interessa é que fomos, e Deus sabe como isso é importante. Não somos nem a segunda emissora do Brasil, mas estamos chegando lá.

A TV BR não era nem a quinta maior emissora do país, mas não ia estragar a felicidade do meu chefe com detalhes desse nível. Era visível sua alegria, e estava ficando curiosa com o motivo desse alvoroço todo.

— Sr. Esteves, não estou entendendo.

— Ah, sim. Desculpe. Não sei se você já sabe, vamos entrevistar aquele artista famoso, JP.

— JC — corrigi, com o coração acelerado.

— Tanto faz. — Meu chefe cruzou as mãos em cima da mesa e se inclinou um pouco para frente. — Ele é um escultor...

— Pintor.

— ... que vem ao Brasil no mês que vem. Acho que ele é argentino...

— Brasileiro.

— ... e foi para a Califórnia estudar...

— Nova Iorque.

— ... e agora vem fazer uma exposição aqui, acho que no MAM. Suspirei com a primeira informação certa que o meu chefe



fornecia. Eu sabia tudo sobre a vinda de JC ao Brasil, não se falava em outra coisa. O artista que saiu daqui para ganhar a vida fora e agora voltava em grande estilo para uma exposição no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

— Bem, a tal mulher me ligou, ela é assistente, assessora, alguma coisa desse JP.

Louise Dolbeer era assessora de JC havia um ano e meio. Pelo que pesquisei, era o braço direito e o esquerdo dele, e sua melhor amiga. Ainda não tinha uma opinião definida sobre ela, mas sabia que não rolava nada mais que o interesse profissional entre os dois, o que era um alívio. Ela o descobriu nos corredores da *New York Academy of Arte* e começou a trabalhar para torná-lo o que é hoje. Os dois cresceram juntos profissionalmente e agora são respeitados dentro do circuito artístico da cidade norte-americana.

— E aí a Lisa, ou Lourdes, ou sei lá o nome dela, disse que era uma exigência desse escultor dar uma entrevista para nós. Sabe o que significa? Sucesso! Visibilidade, vários pontos no Ibope e a inveja das outras emissoras. Ele não vai dar exclusiva para ninguém, só para nós. Os outros terão de se satisfazer com a coletiva no dia seguinte à nossa entrevista.

O Sr. Esteves estava em êxtase, e fiquei feliz pela emissora, mas comecei a sentir um frio percorrendo minha espinha.

— Isso é bom — comentei, apenas para falar algo.

— Bom? É incrível! E você terá sua chance, já que foi a escolhida.

— Eu? — Senti o café da manhã vir até a garganta e o frio expandindo da espinha para todas as extremidades do meu corpo. — Escolhida?

— Sim. Foi uma exigência da tal Lia, não entendi por que te escolheu, ela não falou, mas isso não interessa. Ela quer que você faça a entrevista, mesmo não sendo uma repórter, apenas você e mais ninguém. Ou você faz, ou não terá exclusiva. Deus sabe o motivo.

Deus sabia, e eu também. João era esperto, seria a chance de falar comigo depois de tudo o que aconteceu. Se eu fosse obrigada, de certa forma, a entrevistá-lo, não haveria como fugir.

Fiquei muda, um medo tomou conta de meu corpo. Não consegui pensar em nada, só senti um turbilhão de coisas passando pela minha cabeça enquanto meu estômago se revirava. O Sr. Esteves me olhou e fez uma careta, acariciando a barriga.

— Você não vai negar, não aceito uma resposta negativa. Afinal, sei que quer ir para fora, então aí está a sua chance — disse, apontando para mim. — Mostre que merece a promoção no lugar de Patrícia.

— Mas, mas...

— Não tem mais nem menos. Vá agora pesquisar a vida do cara e faça as melhores perguntas que você pode fazer para alguém como ele.

Não tive mais tempo para argumentar, nem pensar no que a entrevista podia fazer para a minha carreira... e o meu coração. Mal registrei o que ele falou e fui expulsa da sala do chefe.

Então esse era o motivo pelo qual Patrícia me fuzilou antes da conversa, ela estava com raiva por eu tomar seu lugar. Mal sabia ela que não fazia a menor questão de comandar a tal entrevista.

Fui até minha mesa com minha mente fervilhando e as pernas bambas. Estava tão nervosa que só consegui tirar o celular da bolsa e ligar para minha melhor amiga.

— Pronta para a comemoração do seu niver no sábado? — perguntou Cris. Havia me esquecido completamente disso.

— Sim, claro! — menti. Eu e Cristiane fazemos aniversário no mesmo dia: nove. Só que eu faço em abril e ela em maio. Talvez este detalhe seja algo que interferiu para que tivéssemos uma ligação forte a partir do momento em que nos conhecemos.

— Hum, o que foi? Não senti firmeza na sua voz, alguma coisa aconteceu.

Tive que rir com o comentário dela. Cris me conhece como ninguém. Não me lembro quando ficamos amigas, ela esteve presente na minha vida desde que me entendo por gente. Sua mãe adora contar que a amizade surgiu no primeiro dia na escola, quando éramos muito crianças, e, a partir de então, não nos largamos mais.

— Você não vai acreditar. Adivinha quem será entrevistado pela TV BR?

— Bom, você falou que eu não vou acreditar, então não faço a menor ideia.

— O João.

— Você está brincando!

— Não. E o pior é que ele exigiu que eu faça a entrevista.

Depois de escutá-la xingar vários palavrões no telefone, finalmente perguntou:

— E você aceitou?

— Nem consegui esboçar uma resposta, meu chefe foi taxativo: se quero a vaga em Nova Iorque, preciso fazer a entrevista.

— Eu me encostei na cadeira e fechei os olhos. — Imagina, sem chances de falar não, perco meu estágio e a chance de ter um emprego quando for estudar lá fora. Até me esqueci da comemoração do meu aniversário neste sábado.

— Ele foi muito astuto articulando o primeiro reencontro de vocês.

— O terreno é neutro, acho que pensou nisso quando marcou. Com gente em volta, não tenho como escapar e serei obrigada a falar com ele.

— Sim, João foi esperto e soube planejar direito. E o que você vai fazer?

— Não tenho escolha, vou entrevistá-lo daqui a um mês.

— Boa sorte, amiga!

## Seis meses atrás

Era uma manhã típica de inverno em Nova Iorque: céu nublado, a cidade sentindo os efeitos do frio e eu no meu ateliê. Encarava a tela branca há tantos minutos que até perdi a conta de quanto tempo fiquei ali, em pé.

Às vezes, alternava meu olhar com a bela vista que tenho do armazém onde funciona meu ateliê, que ocupa todo o segundo andar de um grande galpão na *24 West*, próximo a *11th Avenue*. No andar debaixo há uma galeria que exhibe os meus quadros, aqueles que ainda não foram vendidos, e de alguns de meus poucos alunos, que pagam caro para ter uma rápida aula com o grande artista do momento. Sinto uma enorme satisfação quando penso em tudo o que consegui rapidamente. Sempre soube que era bom.

Sorri com meus pensamentos. Ali estava eu, o brasileiro que foi para Nova Iorque e se deu bem. Queria ver a cara dos alunos da Universidade da Guanabara, que riam de mim nas aulas do curso de Artes quando eu contava dos meus planos de me tornar um artista famoso. Diziam que pintor só fica conhecido depois que morre ou bem mais velho e que meu sucesso demoraria a vir, se viesse. Mas sempre tive em mente que, se você gosta muito do que faz, se dedica e é bom, não há como dar errado. Por isso corri atrás do meu objetivo e agarrei todas as chances que a vida me deu para conseguir realizar meu sonho. Ainda bem que na *New York Academy of Art* são só dois anos de curso; mal terminei a faculdade e já estava com a minha carreira definida em um lugar onde a arte é considerada emprego, e não um *hobby*.

O cheiro de tinta era forte ao meu redor, e respirei fundo, inalando o odor que faz meu corpo trabalhar, e ainda assim a tela permaneceu intacta. Escutei a porta se abrir atrás de mim, mas não me virei. Sabia que era Louise Dolbeer, minha assistente, agente, assessora, o que quiser chamar. Eu a chamo de *Minha Mágica*

porque ela consegue resolver todos os meus problemas em um estalar de dedos. Não sei o que seria de minha vida profissional sem ela. E pessoal.

— A galeria está cheia? — Era de praxe, todo dia perguntava a mesma coisa.

— Sim, algumas pessoas estão lá observando os quadros, mas nada com que a Sarah não possa lidar — respondeu Louise, se referindo à estudante de Artes que ela contratara como recepcionista para receber os visitantes que querem comprar um JC Matos original. Louise nunca me deixou fazer esse trabalho, diz que preciso manter um ar de mistério e distanciamento dos clientes e só estar disponível em uma *vernissage* ou evento. Foi ideia dela também que a recepcionista fosse uma estudante de Artes, para tirar dúvidas dos visitantes que querem comprar um quadro e não entendem nada de pintura.

Não olhei, mas sabia que Louise estava parada atrás de mim. Provavelmente recriminando minha tela em branco ou tentando descobrir se interrompera algum surto de criação.

— Tenho novidades — disse ela.

— Conseguiu? — Senti meu coração disparar na expectativa pela resposta de Louise. Eu me virei e peguei um pano para limpar as mãos, que ainda não estavam sujas de tinta. É mais um gesto automático, que sempre faço quando me afasto das telas.

— Sim, está tudo acertado e finalizado com o MAM. Recebi o e-mail agora há pouco, li em casa e vim correndo te avisar pessoalmente. Não foi fácil conseguir tudo tão rápido, mas eles conseguiram ajustar o evento na agenda do museu. — Ela me entregou um papel com o e-mail da confirmação impresso, que li por alto. — A abertura da exposição será mesmo daqui a seis meses, com a sua presença garantida.

— Seis meses.

Fiquei pensativo e me aproximei de uma das imensas janelas.

Dali, consigo enxergar o Rio Hudson e o *Chelsea Waterside Park*, onde gosto de correr no início do dia, quando não está nevando. Senti um pouco de fome e me lembrei da *bagel* que comprei na ‘*wichcraft*’, a *deli* do *Park*, após minha corrida naquela manhã, e fui até uma das várias mesas que ocupam o espaço do ateliê. O pão estava frio, mas não tinha importância.

— Você quer que eu já entre em contato com a emissora?

— Não. — Balancei a cabeça, enquanto desembulhava o pão. — Espere mais para perto, talvez quando estiver faltando um mês. Não quero imprevistos com a entrevista.

— Combinado. — Louise sorriu e deixou o ateliê, provavelmente indo para sua sala. Ela tem seu próprio escritório no sul da ilha, mas costuma ficar mais na sala que improvisei no meu galpão.

Voltei para perto da janela, comendo a *bagel* fria. Seis meses para reencontrá-la. Como estaria? Será que ainda mantinha aquele namorado almofadinha que vi ao seu lado na última vez em que fui ao Brasil? Esperava que não.

Meu coração estava acelerado e as lembranças da época do colégio voltaram com tudo em minha mente. Mônica sempre esteve presente em minha vida, mesmo que através do pensamento. Era ela quem eu queria ao meu lado quando a fama veio, a pessoa para quem eu tinha vontade de ligar e conversar todas as vezes que algo me acontecia, fosse bom ou ruim.

Eu a amava e precisava reconquistá-la. Foram muitos anos separados e eu não podia mais ficar sem ela.



Sabe aquele momento pelo qual você espera durante anos, sonha, tenta esquematizar na sua cabeça, mas quando acontece a única coisa que pensa é no estômago se revirando dentro do corpo?

Meu tão temido momento — o reencontro com meu ex-namorado — chegou em uma quinta-feira ensolarada. Parece que o universo ri de mim porque estamos no mês de maio, é outono, mas faz calor no Rio e a Praia de Copacabana está lotada para um dia de semana.

Entro no saguão do hotel acompanhada do cinegrafista da emissora. Estou muito nervosa, não tem como não ficar, mas tento não demonstrar e espero que Victor não perceba. Acho que ele está mais preocupado com a filmadora e os equipamentos do que comigo, o que agradeço. Eu o adoro, foi ele quem me indicou para o estágio na TV BR. Victor cursa Publicidade na Universidade da Guanabara e já fizemos algumas matérias juntos. Filmar é um de seus *hobbies*, então, às vezes, ele faz trabalho de *freelancer* para a TV como uma forma de manter sua paixão.

Assim que entro no *hall* do hotel, seco o suor da testa. Meu vestido é um tubinho que vai até o joelho, com gola fechada no pescoço. Algo comportado para uma entrevista, só que não está muito adequado ao calor deste dia, mesmo meu cabelo estando preso em um coque no alto da cabeça.

O combinado foi me encontrar com Louise ali na entrada às três da tarde. Seguro as folhas contendo as perguntas como se elas pudessem me proteger de qualquer coisa. Eu poderia tê-las colocado em minha bolsa, mas estou muito nervosa e preciso ocupar minhas mãos neste momento. Mal presto atenção ao que acontece ao meu redor, quando escuto um barulho vindo da garganta do cinegrafista. Eu o olho e Victor indica um dos sofás caramelo que há ali. Quase desmaio ao avistar Patrícia sentada. Ela se levanta e caminha em nossa direção.

— Olá, querida, acho que não vai precisar disto — diz Patrícia, arrancando as folhas das minhas mãos.

— O que você está fazendo aqui?

— Ora, assumindo meu lugar, ou acha que vou deixar você fazer a exclusiva? — Patrícia me olha de cima a baixo, como se eu fosse insignificante. — Essa palhaçada já foi longe demais. Toda entrevista para a emissora é de minha responsabilidade. Sou eu quem deve aparecer na frente das câmeras da TV BR, e não uma amadora que nem terminou a faculdade ainda. Você nunca fez uma matéria na vida e vai começar logo com alguém tão famoso e importante?

— Você só pode estar maluca — digo e tento, em vão, recuperar as folhas. O pior é que sei o quanto ela pode ser maluca quando sente que estão passando por cima de seu estrelismo. Se ela soubesse que eu lhe daria de bom grado a entrevista, este show no *hall* do hotel seria dispensável.

Patrícia abre a boca para falar algo quando somos interrompidas por uma leve tosse, que indica ter mais alguém ali.

— Boa tarde — diz, em inglês, uma mulher ruiva, de uns vinte e oito anos. — Creio que você é a senhorita Mônica Drumond.

— Sim — respondo, tentando não gaguejar. Reconheço Louise, a assessora de JC.

— Estava te esperando. — Sorridente, Louise vira-se para Patrícia. — Algum problema?

— E você, quem é? — pergunta Patrícia.

— Louise Dolbeer, assessora do JC Matos.

— Ah, que bom, vamos resolver logo esse mal entendido. Meu diretor não conseguiu deixar claro para você que quem faz as entrevistas internacionais sou eu. Creio que ele não soube explicar isto, mas essa aí — Patrícia aponta para mim — não consegue fazer nada, nunca entrevistou alguém. — Ela se vira para Louise. — Mônica não é repórter, onde já se viu?, não tem experiência para poder entrevistar uma pessoa do nível do JC.



— Sim, entendo... Mas acredito que deixamos especificado que a entrevista só será dada se for para a senhorita Drumond. É uma exigência do meu cliente.

— Mas, mas... — Patrícia não consegue falar nada. Eu pego as folhas de suas mãos, Louise me puxa delicada e educadamente e pede que o cinegrafista a siga, indicando o elevador.

Após a porta se fechar, ela me encara.

— Simpática sua amiga.

— Ah, sim, e olha que ela está tendo um bom dia.

O cinegrafista cai na gargalhada, acompanhado por nós duas.

— Prazer em te conhecer — diz Louise.

— Igualmente.

Louise olha meu pescoço e sei o que ela procura, mas a gola do meu vestido preto é um pouco alta e tampa o colar.

Tento me acalmar, o incidente no saguão do hotel com Patrícia só me deixou mais nervosa.

— Não se preocupe, ele está tão ansioso quanto você — comenta Louise, um pouco baixo para Victor não escutar.

Penso em falar algo, mas fico quieta. Duvido que ele esteja tão ou mais ansioso do que eu, João sempre foi muito seguro de si.

A porta do elevador se abre e nós três caminhamos do corredor para uma sala espaçosa, com algumas mesas e sofás.

— Como você quer fazer? — pergunta Louise.

Olho em volta um pouco receosa e Victor, que já tem um pouco mais de experiência naquela situação, ajuda.

— Podemos colocar as duas cadeiras ligeiramente na direção uma da outra, quase como se estivessem de frente — diz ele, já posicionando o equipamento e apontando duas cadeiras.

— É uma boa ideia. — Louise sorri e se afasta. — Vou avisar ao JC que está tudo pronto.

~ O final da nossa história ~

Antes que ela saia, eu seguro seu braço.

— Você não vai querer ver as perguntas antes?

— Não precisa, ele disse que eu podia confiar em você.

Louise sai e decido que definitivamente gosto dela.

